

Tema: Ambiente na Educação Infantil
Devolução Observação do Grupo 04 Matutino – Professora Rita Landeiro

Thais Almeida Costa

A história dessa devolução começa há mais ou menos há uns 9 anos atrás. História de coragem e mudanças, que nos levou a repensar a estrutura do trabalho na Educação Infantil. Trabalho que já era reconhecido e diferenciado, mas a possibilidade de ampliar o nosso fazer e o nosso saber não permitia a acomodação. Acomodação que, aliás, não faz parte do vocabulário do pensar dessa escola. A constante necessidade de reinventar e crescer é aquilo que nos move para a ação e reflexão.

Primeiramente tivemos contato com o cotidiano de algumas escolas inglesas. Escolas que nos inspiraram e nos fizeram enxergar a possibilidade de organizarmos o espaço pedagógico de outra maneira. Nessa realidade distante da brasileira, as crianças não ficavam organizadas em grupos separados por idade e em espaços isolados com professores específicos. O ambiente era vivo, espaços diferenciados, crianças misturadas, cantinhos diversificados e professores que atuavam a partir de um planejamento flexível. Conhecer essa realidade nos motivou a darmos nosso primeiro passo...

A primeira iniciativa em promover um trabalho diferenciado na educação infantil a partir da reorganização do espaço físico começou a acontecer no ano de 2000. Animadíssimos e empolgados em função da visita a terras londrinas, reaproveitamos um galpão existente na escola e fizemos uma grande sala de cantinhos: cantinho da água, da fantasia, da leitura, de artes, de motricidade, matemática e jogo simbólico. Motivo de muito orgulho na época! Só não sabíamos ainda que esse era apenas o início de uma longa jornada, ainda era preciso caminhar bastante...

Foi então que surgiu o primeiro desafio. Tínhamos apenas uma sala de cantinhos e pelo menos 3 turmas em um único turno. O que fazer? A saída encontrada foi promover um rodízio entre os grupos. A cada dia da semana, uma turma ficaria nesse novo espaço. De início, festa por parte das crianças, aquela sala era motivo de euforia. Chegavam e não conseguiam parar, empolgados com as opções existentes, queriam aproveitar tudo ao mesmo tempo. Ficamos assustados...

Com o tempo, passamos a perceber que a reestruturação apenas desse espaço não era suficiente. Ele era adorado pelas crianças, mas não promovia uma real mudança da rotina escolar. No dia-a-dia, fora da “sala dos cantinhos”, continuávamos da mesma

maneira, realizando atividades em grandes grupos, onde todos sempre eram levados a fazer a mesma coisa ao mesmo tempo. Ficou nítido que tínhamos apenas “recheado” uma sala, mas que a concepção do nosso planejamento permanecia a mesma. Aquele espaço não fazia parte da rotina cotidiana das crianças, eles não se apropriaram do ambiente, nem mesmo os professores. Era preciso andar um pouco mais...

Em 2006, realizamos a leitura do livro “O educador e a moralidade infantil” de Telma Vinha. Livro que nos impeliu novamente ao desequilíbrio e que de maneira coerente fundamentou novas iniciativas. Vinha (2003) nos fez pensar ainda mais na necessidade de uma rotina que incentivasse a autonomia infantil. Discutimos nos encontros de formação sobre a necessidade de realizarmos um planejamento diário com as crianças, organizarmos cartazes com o quadro de rotina, trabalharmos com atividades diversificadas, possibilitarmos que as crianças assumissem as responsabilidades da sala de aula e assegurarmos a avaliação do dia ao final da rotina escolar.

A partir dessas reflexões muita coisa mudou. Mesmo sem um espaço físico diferenciado em cada sala de aula, passamos a realizar atividades diversificadas nas próprias mesas de trabalho. Essa iniciativa já alterou a dinâmica dos grupos. Era possível perceber um ambiente construtivista onde eram oferecidas simultaneamente várias atividades, que poderiam ser realizadas individualmente ou em pequenos grupos. Abria-se a possibilidade de escolha por parte da criança, respeitando o interesse de cada um.

As atividades diversificadas passaram a ser realizadas diariamente e era visível a mobilização dos professores em utilizar diferentes materiais e propor novos desafios. Refletimos a partir de Vinha (2003), que esse tipo de proposta atendia à diversidade presente na sala de aula e possibilitava que as crianças fossem capazes de decidir e realizar uma atividade sem que o professor tivesse que fazer isso por elas. Inaugurava-se, então, um novo cenário. Cenário que favorecia o desenvolvimento da autonomia intelectual e moral, pois constituía uma dinâmica apropriada para a interação social entre os pares e entre as crianças e o adulto, além de dar margem a escolhas, à iniciativa e à tomada de decisões (VINHA, 2003).

Mesmo com essas conquistas, percebemos que algo ainda precisava mudar. Nos encontramos com Zabala (1998), no seu livro “Qualidade na Educação Infantil”. Este autor nos sinalizava que este segmento precisa de espaços amplos, bem diferenciados, de fácil acesso e especializados, sendo facilmente identificáveis pelas crianças tanto do ponto de vista da sua função como das atividades a serem realizadas nos mesmos.

A partir dessa leitura, tomamos ainda mais consciência de que o espaço acaba tornando-se uma condição básica para poder levar adiante muitos outros aspectos que poderiam garantir a qualidade da prática pedagógica na Educação Infantil. Zabala (1998) sinalizava que as aulas convencionais com espaços indiferenciados eram cenários empobrecidos e tornavam impossível uma dinâmica de trabalho baseada na autonomia e atenção individual de cada criança.

Foi então que as paredes começaram a ruir. Entre tantas iniciativas anteriores, começamos o ano de 2009 quebrando algumas barreiras. Todas as salas da Educação Infantil passaram a contar com um espaço muito mais amplo e com cantinhos diversificados na sua estrutura diária. A escola ficou ainda mais linda e as salas ainda mais enriquecidas. No entanto, era preciso uma nova adaptação. Adaptação para as crianças, famílias, professores, coordenadores e direção. Aprender a conduzir a rotina escolar naquelas novas salas exigia flexibilidade e uma nova postura docente.

No início, todos meio assustados. Crianças e professores naquela imensidão. Será que vai dar certo? A dúvida pairava na cabeça de muitos, mesmo que não fosse verbalizada. A zona de conforto havia sido desestabilizada, o novo espaço exigia uma nova maneira de atuar. Não foi fácil, entre suspeitas e tropeços parece que aprendemos a caminhar.

Passos firmes e coerentes evidenciados na rotina do grupo 4. Observei a turma da professora Rita no dia 23/10/2008. O espaço físico já trazia boas lembranças, era aquela mesma sala do ano de 2000, só que ocupada com outra intencionalidade. Agora estava cheia de vida, os cantinhos ganharam sentido e pareciam ter sido intencionalmente planejados pela professora. Era possível perceber o cuidado na escolha dos materiais e a organização de cada ambiente.

A atmosfera era bastante agradável! Música de fundo, crianças na roda e a professora lendo uma história. Impressionava-me a tranquilidade do grupo, algumas crianças que, inclusive, já pediam a palavra para falar. Confesso que nesse instante já havia ficado muito entusiasmada, principalmente por perceber que aquele momento inicial já estava sendo conduzido de outra maneira, para além da padronização da contagem das crianças e marcação no calendário.

A rotina do dia foi discutida com as crianças, enquanto a professora escrevia no papel o que aconteceria naquela manhã. Depois desse momento, começam a planejar o que aconteceria nos cantinhos: a docente incentivava a participação e escolha de todos. Questionava o que seria feito no cantinho de artes, da matemática, da leitura, da casinha

e da construção. As propostas eram discutidas e anotadas em pequenos cartazes que depois seriam afixados em cada ambiente específico.

As fichas com os nomes das crianças foram distribuídas no chão, para que cada uma pudesse escolher o cantinho onde trabalhar. Euforia de todos, ansiosos saíram em direção ao cantinho escolhido e colocaram as fichas nos cartazes de prega que visam sinalizar onde cada um vai ficar.

Foi então que visualizei o retorno desses últimos 3 anos de trabalho e investimento na formação docente. Fiquei emocionada ao perceber tal movimentação. Encontrei certezas para as dúvidas ora aclamadas. A postura da professora Rita e das crianças do seu grupo era o retrato daquilo que eu esperei visualizar durante todo nosso caminho. Tornava-se ainda mais evidente a eficácia desse tipo de proposta.

As crianças realizavam as atividades com muita autonomia, cumpriam com o que havia sido combinado no planejamento e não se desconcentravam nem trocavam de cantinhos, pois o envolvimento era tamanho! As intervenções da docente facilitavam o protagonismo infantil. Assim como sinalizam Paniagua e Palácios (2007), Rita desempenhava um papel potencializador, realizava um trabalho à sombra, com muito acompanhamento aos pequenos grupos e regulando o clima da classe através de intervenções não invasivas.

Em um período de mais ou menos 50 minutos, aprenderam muitas coisas. Em matemática, manipularam tampinhas e desenvolveram raciocínio de seriação e classificação, depois brincaram de dominó; no cantinho da leitura, leram livros, brincaram de fantoches, escreveram; em artes fizeram pinturas; na casinha brincaram de cozinhar; no cantinho da construção faziam circuitos para carrinhos...

Tal experiência torna claro que um meio devidamente organizado possibilita um contexto ideal para o desenvolvimento de intervenções de acompanhamento próximo, de interação entre iguais e um jogo realmente construtivo (PANIAGUA e PALACIOS, 2007). No lugar de todos ao mesmo tempo e agora, trabalha-se a partir da diversidade escapando da massificação.

Ao terminarem o trabalho nos cantinhos, deixaram tudo muito arrumado e organizado. Destaco a atuação de duas crianças que concentradas demoraram quase 10 minutos tentando dobrar o lençol da casinha. Cena que merecia um registro. Após esse momento foram ao parque, fizeram relaxamento, trabalharam com figuras geométricas no projeto de artes e se organizaram para a saída. Era encerrado um dia que deve ser lembrado com muito prazer. Um dia que marcou a minha memória. Agradei a

professora por aquela experiência e fui para casa num misto emocional de alívio e euforia.

Para finalizar essa reflexão, trago apenas três sugestões de pontos já discutidos em outros encontros:

- Talvez seja necessário modificar novamente o cartaz com a rotina. Parece que as fotos colocadas não estão sendo muito funcionais, tanto que a professora precisou registrar a rotina no papel. Não seria interessante pensarmos em um novo modelo? Talvez pensar em um cartaz que traga tanto o registro escrito como em imagens. Sugiro a discussão nos grupos de coordenação.
- O momento da escolha dos cantinhos pelas crianças pode ser mais bem organizado através de algumas dinâmicas ou brincadeiras. Quando todos escolhem ao mesmo tempo, abre-se a possibilidade de que aconteçam desentendimentos ou confusões. Ver sugestões em Vinha (2003) e Zabalza (1998).
- Reitero a necessidade da avaliação do dia. Um dia tão proveitoso como este precisava ser validado e discutido por todos! As aprendizagens nos cantinhos precisam ser compartilhadas! Como propõe Vinha (2003) a avaliação do dia e a auto avaliação devem ocorrer independentemente da série escolar e, num processo sistemático e bem elaborado favorece a construção de uma auto-estima positiva, favorecendo com que a criança vá tornando-se cada vez mais capaz de julgar seus trabalhos e atitudes, proporcionando o desenvolvimento de uma moral autônoma.

Por fim, tomando “carona” na prática de Rita, parablenzo todo o grupo da educação infantil. Sei que as muitas mudanças desafiam nossa tolerância e parecem fazer cair. Quedas, tropeços, partidas, encontros e desencontros que criam uma linha tênue entre o sofrer e o aprender. Como num passo de dança, fomos desafiadas a encontrar um novo ritmo, a fazer novas parcerias. O que não é familiar incomoda, põe à prova o nosso limite ao desequilíbrio, nos faz crescer. Crescimento espantado na sala de aula da professora Rita, que faz ecoar a certeza da direção que tomamos e a possibilidade de novas conquistas.

Qual será o próximo passo?

Não sei...

Até porque se soubéssemos perderia a graça do caminhar...

Abraços, Thais

Referências Bibliográficas:

PANIAGUA, Gema; PALACIOS, Jesús. Educação Infantil: Resposta Educativa à diversidade. Artmed: Porto Alegre, 2007.

VINHA, Telma. O Educador e a Moralidade Infantil: Uma visão construtivista. Mercado das Letras: Campinas, 2003.

ZABALZA, Miguel. Qualidade na Educação Infantil. Artmed: Porto Alegre, 1998.